

# Cemitério Central de Aveiro: entre a Vida e a Morte

Belmira Coutinho  
Maria Manuel Baptista  
Universidade de Aveiro

Agradecimento especial ao Monsenhor João Gaspar.  
A sua orientação no início do estudo foi fundamental para encontrarmos o nosso rumo.

## 1. INTRODUÇÃO

Se é verdade que a maioria das pessoas associa os cemitérios a tristeza e a morbidez, não é menos verdade que há um número crescente de pessoas para as quais eles são fonte de fascínio ou interesse (Queiroz, s.d., Sharpley, 2009). Inserida ou não na temática do Turismo Negro, a procura pelas visitas a cemitérios tem vindo a aumentar. (Sharpley, 2009, e Scott, 2010).

Alguns cemitérios podem ter importância a nível nacional ou mesmo mundial, como é o caso do Cimetière du Père Lachaise, em Paris. Aí encontramos as sepulturas de personalidades que marcaram a História mundial nos mais diversos âmbitos – dos quais a Literatura, a Filosofia, e a Música são apenas exemplos (Cimetière du Père Lachaise, 2003). O cemitério de uma qualquer aldeia perdida no monte não terá, na maioria dos casos, este nível de relevância. Mas acreditamos que bastará acompanharmos um habitante desse local numa visita ao cemitério para recebermos um relato sobre a vida das pessoas que marcaram a aldeia e o habitante no período que a sua memória e o seu imaginário abarcam. Acreditamos que cada sepultura encerra a história dos que já partiram, e dos que ficaram e continuam a honrar e acarinhar (ou a ignorar) a sua memória. Visitar um cemitério proporciona não só um encontro com a morte, mas também com a vida dos que já morreram. Em que outro sítio está de tal forma concentrada a história de um local?

O objectivo principal deste trabalho é o de mostrar que o Cemitério Central de Aveiro tem potencial para se tornar em mais uma das atracções turísticas da cidade, chamando assim a atenção das autoridades locais para a sua preservação. Pretendemos fazê-lo através da sugestão de um percurso de visita dentro do cemitério, com enfoque na memória da vida de alguns dos que lá estão sepultados. Queremos mostrar que este cemitério é um local privilegiado para oferecer aos visitantes um panorama da vida da cidade de Aveiro, desde a segunda metade do século XIX.

Escolhemos para esse intuito sepulturas de indivíduos ilustres ou interessantes por diversos motivos, usando algumas delas como ponto de partida para uma explicação do ambiente histórico e social de Portugal no período a que dizem respeito. Não é esquecida também uma componente mais leve, quase de entretenimento, com a inclusão de curiosidades e a interpretação da simbologia presente em muitos túmulos.

No entanto, antes de que este produto turístico possa ser apresentado, torna-se necessário enquadrá-lo num contexto teórico do que entendemos ser o Turismo Negro e o Turismo Cemiterial.

O Turismo Negro ou Thanatoturismo, do grego *thanatos*, que significa “morte”, é um fenómeno amplo que engloba variadas tipologias de atracções, procuradas por pessoas com motivações tão ou mais variadas. Pode ser definido como o acto de visita a lugares de algum modo relacionados com a morte e/ou o sofrimento (Stone, 2006a, citado por Sharpley, 2009), o que abre portas a que seja analisado tanto como fenómeno comportamental, como como algo ligado apenas às características da oferta.

Seguidamente é feita uma abordagem ao Turismo Cemiterial especificamente, já que nem todos os que o praticam podem ser considerados turistas negros (Scott, 2010). Alguns dos que visitam cemitérios fazem-no devido ao seu valor artístico e histórico (Scott, 2010). De facto, há em Portugal exemplos de cemitérios criados durante o período do Romantismo que têm grande beleza artística e potencial turístico, nos quais se inclui o Cemitério Central de Aveiro (Queiroz, 2009).

Por tal motivo, antes de apresentar a nossa proposta de circuito de visita, fazemos uma breve abordagem ao processo de criação dos cemitérios românticos portugueses e ao seu potencial turístico, apresentando-se ainda exemplos de boas-práticas de Turismo Cemiterial em território nacional.

Finalmente, apresentamos algumas reflexões finais, limitações do estudo e questões para investigação futura.

## **2. TURISMO NEGRO E TURISMO CEMITERIAL**

Acreditamos que não é possível criar um produto turístico sem percebermos o enquadramento e fundamentação teórica em que ele se pode inserir. Nesse sentido, procurámos apresentar o contexto em que se desenvolve o Turismo Negro, em associação com o Turismo Cemiterial.

A problemática que rodeia o estudo académico do Turismo Negro estende-se até à identificação da altura em que terá começado. Há autores, como Lennon e Foley (2000, citados por Sharpley, 2009), que entendem o Turismo Negro como um fenómeno moderno, com início no séc. XX. Em contrapartida, há tantos outros autores a defenderem que o Turismo Negro é uma das mais antigas formas de Turismo – Sharpley (2009, p.4), é da opinião que “desde que as pessoas são capazes de viajar, que elas têm sido atraídas por [...] sítios, atracções ou eventos ligados de uma forma ou outra com morte, sofrimento, violência ou desastres”.

De facto, um dos poucos elementos consensuais para estes autores é o de que o estudo deste tipo de Turismo só recentemente começou a cativar a comunidade académica (Sharpley, 2009). Outro ponto de concórdia entre os que tentam construir uma base teórica para o Turismo Negro é o facto de, em todas as suas manifestações, ele associar um local, atracção, ou experiência turística à morte, calamidade ou sofrimento (Sharpley, 2009). Podemos então usar a definição de Stone (citado por Sharpley, 2009, p.10), segundo a qual o Turismo Negro consiste no “acto de viajar para sítios associados com morte, sofrimento, e o aparentemente macabro”.

Na sociedade actual, em que a morte é, por um lado, afastada da esfera pública e remetida para um ambiente ascético e medicalizado, e, por outro lado, presença frequente na

cultura popular, o Turismo Negro assume um papel importante como mediador entre o indivíduo e a morte, humanizando-a ao mesmo tempo que retira algum do dramatismo que lhe é inerente (Stone, 2009 e Walter, 2009). Este comportamento reflecte a atitude Romântica perante a morte, que segundo Ariès (1988) se resume na passagem de “la mort de soi” para “la mort de toi”. Esta dissociação do indivíduo em relação à morte, embora constitua um tema de estudo deveras interessante, não é o nosso foco neste trabalho.

Apesar de este ser ainda um fenómeno pouco estudado pela comunidade académica, há perspectivas de análise contrastantes: podemos encarar este tipo de turismo como algo relacionado apenas com as características das atracções, numa perspectiva orientada para a oferta, ou então como um fenómeno comportamental de consumo turístico (ligado ao turista).

Na perspectiva da oferta, Stone (2006a, citado por Sharpley, 2009) construiu um espectro de tonalidades dentro do Turismo Negro, que vão desde a mais escura à mais clara. No extremo mais escuro aparecem os locais de morte e sofrimento, que se tornaram atracções de forma não propositada, e que estão mais orientados para a educação e a conservação histórica. No extremo mais claro estão os locais associados a morte e sofrimento, que estão orientados para o entretenimento, numa perspectiva mais comercial.

Sharpley (2009), por seu lado, construiu uma matriz que integra a oferta e a procura do Turismo Negro (fig. 1).

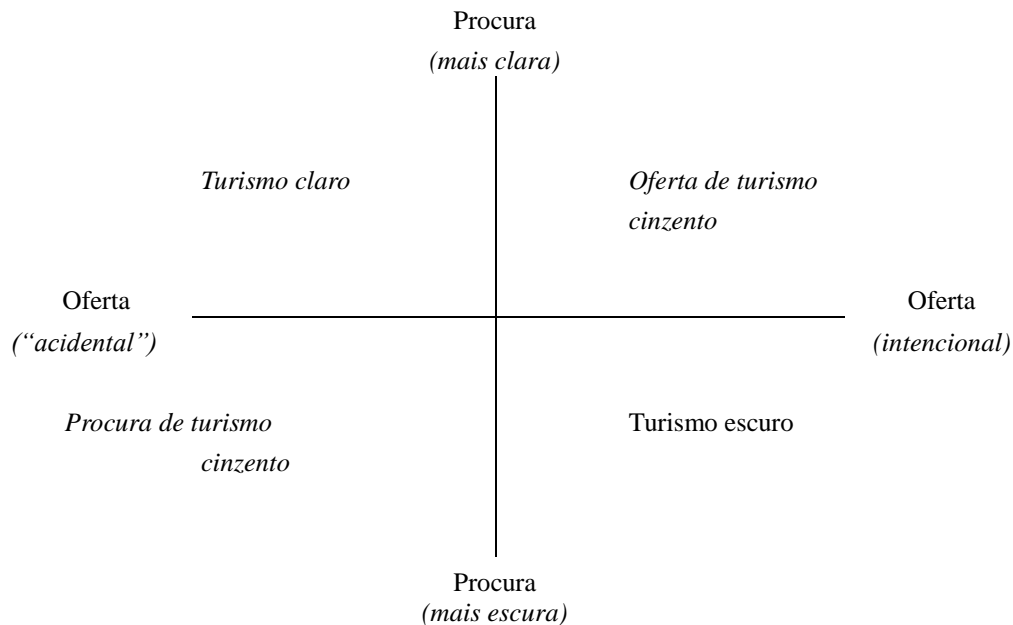


Figura 1 - Matriz da procura e oferta do Turismo Negro (fonte: adaptado de Sharpley, 2009)

Assim sendo, temos por um lado o Turismo Negro *claro*, em que o interesse dos turistas na morte é mínimo, e os locais de visita não foram concebidos com o intuito de se tornarem atracções; e em oposição está o Turismo Negro *escuro*, o Turismo Negro puro, onde o fascínio dos turistas pela morte é satisfeito pela oferta em experiências pensadas especificamente para esse efeito (Sharpley, 2009).

Nos outros extremos temos os visitantes com um fascínio pela morte que visitam atracções de Turismo Negro “acidentais” (Procura de turismo cinzento), e os locais criados desde a raiz para explorarem a temática da morte, mas que são visitados por pessoas cujo interesse na morte não é o motivo principal de visita (Sharpley, 2009).

Scott (2010) refere que nem todos os que visitam um cemitério são turistas negros. Segundo este autor (2010), muitas das pessoas que visitam um cemitério fazem-no no sentido de contactar com a história de um local e de contemplar a obra escultórica e arquitectónica do cemitério; o turista negro, por seu lado, procura o contacto com a presença imaginada da morte, interessando-se pelos elementos simbólicos dos túmulos e retirando da sua visita “um prazer emocional ou sentimental, enraizado na arte e na literatura Romântica ou Gótica” (Scott, 2010). Podemos dizer então que o Turismo baseado em cemitérios pode ou não ser uma das manifestações do Turismo Negro.

“Os cemitérios monumentais foram feitos para serem visitados” (Queiroz, 2009, p.7), e o Turismo Cemiterial acarreta mesmo algumas vantagens, segundo Queiroz (2009). Uma delas relaciona-se com o tipo de turista que o pratica, que ao ter alto poder económico, poderá fazer gastos elevados, acentuados pela duração das visitas a alguns cemitérios que podem estender-se a mais que um dia (Queiroz, 2009). A outra vantagem principal das apontadas por Queiroz (2009), é o facto de que o Turismo Cemiterial alerta e sensibiliza as autoridades que tutelam os cemitérios para a sua conservação e restauro.

### **2.1. Boas-práticas de Turismo Cemiterial**

No sentido de elaborarmos um produto consistente, procurámos conhecer alguns casos de boas-práticas de turismo cemiterial, em Portugal e no mundo. Procuramos então salientar aqui alguns dos exemplos mais interessantes que encontramos de casos em que cemitérios foram alvo de aproveitamento turístico, ou foi valorizado o seu contributo como documento histórico.

Seria impossível falar de turismo cemiterial sem mencionar o caso do Cimetière du Père Lachaise, em Paris. Este cemitério foi estabelecido em 1804 e alberga as sepulturas de personalidades famosas de várias épocas (Paris Cemeteries, s.d.). É considerado um dos cemitérios mais visitados do mundo (Paris Cemeteries, s.d, Sacred Destinaions, 2010 Meet me at Père Lachaise, 2010a). Bastará uma simples pesquisa na Internet para encontrar vários sítios dedicados ao cemitério, que providenciam não só informação sobre a sua história e principais pontos de interesse, como também outros dados importantes para o visitante, como visitas guiadas, guias, mapas, horários de funcionamento, etc. No sítio Meet me at Père Lachaise (2010 b)) é mesmo possível descarregar uma aplicação para i-phone que é um guia do cemitério. O Cimetière du Père Lachaise constitui uma verdadeira atracção turística, sendo mencionado nos principais guias de viagem, como o Lonely Planet, como um sítio a não perder em Paris (Lonely Planet – guides por voyagers, 2011).

Um outro exemplo, menos conhecido, é o Cemitério Monumental de Milão, em Itália.

O Cemitério Monumental de Milão abriga túmulos de personalidades famosas como Verdi ou Toscanini, bem como obras de arte e arquitectura de várias épocas, sendo

considerado um Museu a Céu Aberto (Monumentale – museo a cielo aperto, s.d. a). Aqui se realizam diversos eventos, como concursos de fotografia, concertos, e peças de teatro, por vezes ligados ao programa das Jornadas Europeias dos Museus a Céu Aberto (Monumentale – museo a cielo aperto, s.d. b). Este cemitério tem um sítio com variadíssima informação para os visitantes. Lá podemos saber quais os livros e guias publicados sobre o cemitério, conhecer mais sobre a sua história, ver mapas e fazer uma visita virtual (Monumentale – museo a cielo aperto, s.d. c). Neste sítio ficamos a saber como marcar uma das visitas guiadas temáticas e quais os eventos que se irão realizar. Mas isto apenas se soubermos italiano, uma vez que as versões francesa e inglesa do sítio se encontram muito incompletas.

Há outros cemitérios na Europa dignos de nota, como o Cemitério de Highgate em Londres, o Cemitério de Estocolmo, o Cemitério de Montmartre, em Paris, e muitos, muitos outros. Por esse motivo foi criada a A.S.C.E. – Association of Significant Cemeteries in Europe (Associação dos Cemitérios Relevantes da Europa), que tem por objectivos: “promover os cemitérios europeus como uma parte fundamental da herança cultural da humanidade”, e “sensibilizar os cidadãos europeus para a importância dos cemitérios relevantes” (A.S.C.E. – Association of Significant Cemeteries in Europe, 2008a). Para esse efeito, organiza diversas actividades, tais como reuniões anuais entre os membros para partilha de experiências e boas-práticas, e a “Semana à descoberta dos Cemitérios Europeus”, que engloba cemitérios de toda a Europa que desenvolvem nesta altura eventos e actividades destinados à sensibilização e captação de público (A.S.C.E. – Association of Significant Cemeteries in Europe, 2008b). A A.S.C.E divulga e apoia ainda iniciativas de valorização dos cemitérios como lançamento de livros, eventos culturais realizados nos cemitérios, concursos de fotografia, entre outras iniciativas (A.S.C.E. – Association of Significant Cemeteries in Europe 2008b).

Além disso, a A.S.C.E. é a promotora da Rota dos Cemitérios Europeus (European Cemeteries Route, 2010), uma iniciativa de promoção turística dos cemitérios.

No Brasil, há vários exemplos de valorização dos cemitérios. Em São Paulo, por exemplo, o Cemitério da Consolação recebe visitas guiadas desde 2001, (Figúndio, 2011).

É ainda do Brasil que nos surgem dois exemplos de valorização dos cemitérios não só como atracção turística mas como documento histórico. Um desses exemplos é a iniciativa levada a cabo nos cemitérios da Vila Itoupava (Weiss, 2011), no estado de Santa Catarina. Aqui, um grupo de investigadores fez uma catalogação exaustiva das sepulturas dos cemitérios na Vila Itoupava, registando informações sobre as pessoas sepultadas, as sepulturas e a história dos cemitérios, no âmbito de um projecto denominado “Lugares de antepassados, lugares de história: inventário de cemitérios de imigrantes em Vila Itoupava, Blumenau (SC)” (Weiss, 2011).

Em Votuporanga, no estado de São Paulo, teve início em 2005 um estudo sobre os cemitérios desactivados que existem na região, onde assume particular importância o cemitério da Vila Carvalho (Secretaria da Comunicação – Prefeitura de Votuporanga, 2006). Este estudo, feito pela equipa do Museu Municipal Edward Coruripe Costa, tem por objectivo “contribuir para a preservação da identidade cultural e da história de

*desenvolvimento local”, através da preservação do espaço e do registo da sua história”* (Secretaria da Comunicação – Prefeitura de Votuporanga, 2006).

Em Portugal, a valorização dos cemitérios enquanto produtos turísticos tem ainda poucas manifestações. Apesar de haver vários cemitérios com potencial para aproveitamento turístico no país, é apenas em cemitérios de Lisboa (Prazeres) e do Porto (Lapa, Agramonte e Prado do Repouso) que esse aproveitamento é de algum modo feito.

É no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, que está o Centro de Interpretação dos Cemitérios Municipais de Lisboa, único núcleo museológico cemiterial do país (Oliveira, 2011). O museu situa-se na capela mortuária do cemitério dos Prazeres e está inserido no Projecto de Valorização Cultural dos Cemitérios de Lisboa, cujo objectivo é o de “sensibilizar as pessoas para o valor museológico dos cemitérios, divulgando o trabalho efectuado pela CML no sentido de preservar e estudar um património ligado ao imaginário da Morte” (Lisboa Verde, s.d.).

Para além disso, há a possibilidade de marcar visitas guiadas ao cemitério, segundo informação disponível tanto no sítio da Câmara Municipal de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa, s.d.) como no da empresa municipal Lisboa Verde (Lisboa Verde, s.d. b). Para os visitantes individuais, o cemitério está equipado com sinalética que remete para roteiros temáticos (Queiroz, 2009).

Ainda assim, apenas os cemitérios de Agramonte e do Prado do Repouso fazem parte da A.S.C.E. (A.S.C.E. – Association of Significant Cemeteries in Europe, 2008c).

Segundo a Câmara Municipal do Porto, há visitas guiadas aos principais cemitérios Românticos da cidade desde 2003, que a partir de 2004 se inseriram no Ciclo Cultural dos Cemitérios Municipais - que inclui, entre outras coisas, visitas guiadas, concertos de música sacra, e exposições de fotografia (Câmara Municipal do Porto, 2006a). Os cemitérios portuenses membros da A.S.C.E. aliam-se, também, à celebração da Semana Europeia à Descoberta dos Cemitérios (Câmara Municipal do Porto, 2006b).

A Câmara Municipal do Porto disponibiliza ainda no seu site mapas e roteiros de visita aos cemitérios de Agramonte e do Prado do Repouso, havendo também um roteiro de visita ao cemitério da Lapa (Queiroz, 2009). Há mesmo uma secção neste site dedicada aos que estejam interessados em visitar os cemitérios da cidade, com informação sobre a sua história e principais pontos de interesse (Câmara Municipal do Porto, 2006c).

### **3. CEMITÉRIO CENTRAL DE AVEIRO, CEMITÉRIO ROMÂNTICO PORTUGUÊS**

O Romantismo é apontado por vários autores (Queiroz, s.d., 2003; Catroga, 1994; Scott, 2010) como a época em que os cemitérios se estabeleceram como objecto de visita turística. Em Portugal, esta coincidência assume ainda maior importância pois foi durante o Romantismo que surgiram os primeiros cemitérios modernos. Segundo Queiroz, 2003 (p.418, vol.I, tomo 2.º):

“Um cemitério moderno era aquele em que todas as sepulturas estavam numeradas, existiam registos e, por vezes, plantas do cemitério, sendo facilmente localizável uma determinada

sepultura. O cemitério moderno baseava-se nos princípios da civilização e da ordem urbana nas novas cidades dos mortos, em contraste com a situação anterior mais ou menos desregrada.”

De facto, tradicionalmente, as pessoas em Portugal eram enterradas dentro das igrejas (e outros edifícios religiosos como conventos e mosteiros), ou eventualmente nos adros (Catroga, 1994; Queiroz, 2003.). Segundo Queiroz (2003, s.d.), o primeiro impulso para a criação de verdadeiros cemitérios no nosso país deu-se com as lutas pelo Liberalismo a partir de 1820. A subsequente guerra civil obrigou muitos políticos e intelectuais a procurarem o exílio em países europeus como França e Inglaterra. Quando voltaram, muitos desses intelectuais vieram ocupar lugares no Governo, e trouxeram consigo a imagem dos cemitérios que tinham visto: lugares murados, dignificados pela presença de árvores e de monumentos funerários (Queiroz, 2003, s.d.).

A vitória do Liberalismo marcou o início do Romantismo em Portugal, e é dessa época (1835) a primeira lei que obrigava à construção de cemitérios públicos, situados fora dos focos habitacionais e devidamente murados e consagrados. Foi em resultado da aplicação desta lei que surgiram no nosso país os Cemitérios Românticos, assim chamados por obedecerem aos ideais estilísticos e à visão da morte do Romantismo (Queiroz, s.d., 2003; Catroga, 1994).

Os cemitérios Românticos em Portugal são verdadeiros museus de História e de Arte (Queiroz, s.d.), concebidos para serem panteões de famílias, galerias de homens ilustres, e mostruários da arquitectura, com árvores, bons muros e uma entrada monumental (Vaz, 1835, citado por Queiroz, s.d.).

Apesar de não terem a mesma qualidade escultórica, diversidade e paisagens melancólicas como os seus congéneres Italianos, Franceses e Ingleses, os cemitérios Românticos portugueses são capazes de se distinguir, combinando os principais estilos tumulares europeus com elementos e estilos regionais (Queiroz, s.d.). Este potencial permanece ainda desconhecido para académicos e visitantes, que se surpreendem frequentemente com as características artísticas e antropológicas destes cemitérios.

De facto, apesar de existirem em Portugal cemitérios “que facilmente se podem colocar ao nível dos mais importantes do mundo” (Queiroz, 2009), muitos deles estão degradados em consequência da descaracterização e/ou do abandono. Numa tentativa de contrariar esta situação, em 2002 e 2003 foram propostos como imóvel de interesse público 11 cemitérios portugueses<sup>1</sup>, no entanto, Queiroz (2009) apurou que, “passados cerca de quatro anos, [...] não foram ainda instruídos os processos para grande parte destes cemitérios”.

### **3.1. Enquadramento físico**

Como se pode ver pelo mapa abaixo (figura 2), o Cemitério Central de Aveiro (localização aproximada assinalada a roxo) tem de facto uma posição central na cidade.

---

<sup>1</sup> A lista completa inclui os seguintes cemitérios: Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Agramonte (Porto), Prado do Repouso (Porto), Lamego, Central de Aveiro, Conchada (Coimbra), Setentrional da Figueira da Foz, Santo António do Carrascal (Leiria) e Alto de S. João (Lisboa).

Mais do que isso, está integrado numa zona dinâmica e movimentada, estando rodeado em grande parte por uma zona comercial e habitacional onde se incluem o “Forum Aveiro” e outros estabelecimentos. Atrás do cemitério, em direcção à Sé, está a instituição “Florinhas do Vouga”, dedicada ao apoio e ensino de crianças e jovens.



Figura 2 - Localização do Cemitério Central de Aveiro – assinalado com um círculo (fonte: adaptado do mapa fornecido pelo Turismo de Portugal)

Embora não nos tenha sido possível apurar a área total deste cemitério, podemos dizer que, em comparação com outros cemitérios Românticos em Portugal, como o dos Prazeres em Lisboa e o de Agramonte no Porto, ele é de reduzidas dimensões. Também por comparação com estes outros cemitérios, depreende-se que esta dimensão é proporcional à dimensão da cidade<sup>2</sup>.

O Cemitério Central de Aveiro está dividido em quatro talhões, numerados como mostra a figura 3 abaixo. Como também é possível observar na figura, o cemitério é rodeado por jazigos.

<sup>2</sup> Como disse o Prof. Francisco Queiroz na sua palestra sobre Turismo Cemiterial no ISCET em Março de 2011.





Figura 3 - Vista aérea do Cemitério Central de Aveiro (fonte: adaptado de Google Earth)

Segundo Queiroz (s.d.), os cemitérios do Norte de Portugal, onde podemos incluir o de Aveiro, obedecem ao modelo introduzido nos cemitérios do Porto, em particular no da Lapa. Ao contrário do que acontece com os cemitérios do Sul do país, inspirados principalmente no cemitério Britânico de Lisboa e no de Père Lachaise em Paris, os cemitérios do Norte não retêm tanta influência estrangeira, e os seus monumentos funerários tendem a ser mais altos (Queiroz, s.d.).

### **3.2. Regime de protecção actual**

Apesar de não ser um monumento classificado, o Cemitério Central de Aveiro já está de certa forma protegido: é abrangido pela Zona Especial de Protecção da Sé de Aveiro<sup>3</sup>.

A Sé de Aveiro, localizada próximo do cemitério, é, desde 1996, “Imóvel de Interesse Público”. Nos termos da Lei n.º107/2001, que estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, os bens imóveis classificados ou em vias de classificação beneficiam não só de uma “zona geral de protecção de 50m, contados a partir dos seus limites externos” (p. 5815), como também de “uma zona especial de protecção, a fixar por portaria do órgão competente da administração central” (p.5815).

---

<sup>3</sup> Conforme pudemos apurar por meio de uma entrevista informal com a Dra. Gabriela Marques, técnica superior da Divisão de Museus e Património Histórico da Câmara Municipal de Aveiro, que teve lugar no dia 9 de Junho de 2011 nas instalações do Museu da Cidade.

O artigo 43º do Decreto-Lei n.º309/2009 (que veio completar a já referida Lei n.º107/2009) diz respeito ao conteúdo da zona especial de protecção, que “tem a extensão e impõe as restrições adequadas em função da protecção e valorização do bem imóvel classificado” (p.7983). No seu ponto 1, este artigo especifica ainda o conteúdo destas zonas especiais de protecção, que podem englobar bens ou grupos de bens imóveis que: “devem ser preservados” e “podem ser objecto de obras de alteração, nomeadamente quanto à morfologia, cromatismo e revestimento exterior dos edifícios” (p.7983). No entanto, conforme o Artigo 51º do mesmo Decreto-Lei, a licença para quaisquer obras não pode ser concedida pela Câmara Municipal sem a aprovação do IGESPAR, com a excepção de “obras de mera alteração no interior de bens imóveis, sem impacte arqueológico” (p. 7984), e outras definidas na portaria que fixou a zona especial de protecção.

Em resumo, podemos dizer que o Cemitério Central de Aveiro já beneficia de um certo grau de protecção, sendo a Câmara Municipal e outras entidades que ela delegue (por exemplo a Junta de Freguesia da Glória, onde se localiza este cemitério) responsáveis por efectuar obras de manutenção e preservação do cemitério.

#### **4. CEMITÉRIO CENTRAL DE AVEIRO - ENTRE A VIDA E A MORTE**

O produto turístico que aqui sugerimos localiza-se numa posição central na matriz de Sharpley (2009) da procura e da oferta do Turismo Negro, já que é dirigida a pessoas cuja principal motivação de visita não tem que ser o contacto com a morte, podendo ser também o interesse pela vida dos que estão sepultados no cemitério ou o valor simbólico do mesmo, e dirige-se a um local que foi inicialmente concebido para ser visitado. Na perspectiva da oferta, este produto posiciona-se mais perto do extremo mais escuro do espectro – o seu foco principal é informar e sensibilizar para a importância de um local.

A visita proposta tem a duração de 45min a 1h e não é recomendada a grupos com mais de 10 pessoas. Este facto é devido ao pouco espaço existente entre as campas dentro dos talhões do Cemitério (vide figura 2).

A visita pode ser realizada a qualquer hora dentro do horário de funcionamento do Cemitério Central de Aveiro, deve-se apenas ter em conta que se trata de um cemitério em funcionamento, e será apropriado obter informação antecipada sobre as cerimónias fúnebres que lá ocorram. Entendemos que esta visita deve ser gratuita, como modo de incentivar os visitantes, podendo haver lugar a donativos voluntários com vista à preservação do cemitério.

##### **4.1. Metodologia de pesquisa e apresentação**

Para a elaboração deste roteiro recorreu-se à pesquisa bibliográfica em livros próprios e outros disponibilizados pelos serviços da Biblioteca da Universidade de Aveiro, e em artigos científicos e jornalísticos disponíveis na Internet. A investigação foi também realizada online, nos sítios de várias instituições, onde se encontrava alguma da informação que aqui reproduzimos.

A consulta dos livros de registo do Cemitério Central de Aveiro, disponíveis no Cemitério Sul de Aveiro, foi obviamente indispensável para a construção do percurso, tal como o foi

a visita e a conversa com um historiador natural do distrito de Aveiro e que há muito vive e estuda nesta cidade – o Monsenhor João Gonçalves Gaspar.

A metodologia de apresentação deste percurso, ao contrário da de pesquisa, exige uma explicação mais elaborada.

Ao invés de apresentarmos em separado a informação sobre o percurso da visita, as individualidades sepultadas no Cemitério, as pessoas anónimas com histórias curiosas, e as explicações sobre os símbolos presentes nos monumentos funerários, optámos por organizá-la de outra forma. Queremos aproximar-nos da experiência do visitante, pelo que organizámos a apresentação do roteiro de modo a simular uma visita real, com o texto que acompanha cada ponto de interesse a ser bastante semelhante ao que seria dito aos visitantes.

As personalidades com reconhecimento a nível nacional cujas sepulturas se incluem neste percurso foram escolhidas pela sua importância para o país e para a cidade. Os restantes pontos de interesse compõem-se por túmulos com particular riqueza simbólica e de pessoas comuns com histórias e/ou túmulos considerados curiosos ou comoventes.

Tendo em conta que se trata de um roteiro dirigido aos visitantes em geral, entendemos que a explicação sobre cada ponto de paragem deve ter um carácter informativo, mas não muito extenso. Não é nosso objectivo apresentar um perfil biográfico completo de cada individualidade incluída neste roteiro. Pelo contrário, fazemos um resumo breve da vida e obra da pessoa, salientando os aspectos mais curiosos relacionados com a sua vida e/ou com a sua morte.

#### **4.2. Roteiro da Visita ao Cemitério Central da Cidade**

O ponto de encontro dos participantes é em frente ao portão. É necessário produzir uma contextualização sobre os motivos e circunstâncias de construção do cemitério.

O Cemitério Central de Aveiro foi criado após a lei de 1835 (já mencionada num ponto anterior do trabalho), e embora tivesse condições precárias e ainda não tivesse sido benzido, foi nesse mesmo ano que recebeu a sua primeira sepultura (Cristo e Gaspar, 2009). A primeira pessoa a ser sepultada neste cemitério foi um carpinteiro, Francisco de Almeida, acontecimento que não foi pacífico. Segundo Cristo e Gaspar (2009, s.p.), “o povo amotinou-se e, por vontade da família do defunto, chegou a abrir sepulturas em duas igrejas”, até que a lei se fez cumprir. A capela do cemitério que foi construída em 1839 é e só então este foi benzido.

Em Portugal, os surtos de cólera contribuíram para a criação e para a efectiva utilização dos cemitérios públicos (Queiroz, s.d.). Em Aveiro, a cholera-morbus surgiu e extinguiu-se no ano de 1855, não sem antes ter vitimado inúmeras pessoas na cidade e área circundante. O Cemitério Central de Aveiro foi construído e começou a receber enterros mais de uma década antes, no entanto podemos assumir que, pelo menos por causa do elevado número de mortos causado pela epidemia, a sua utilização tenha aumentado.

Aproveitamos também para introduzir aos visitantes o significado dos símbolos fúnebres presentes neste cemitério através dos símbolos que estão no portão:

- Ampulheta com asas – O “tempo que voa” (Câmara Municipal do Porto, 2006). É símbolo da mortalidade e da finitude da vida, mas também do ciclo da vida e da morte (Gibson, 2008).
- Caveira e tíbias cruzadas – a caveira simboliza a caducidade e a instabilidade da vida do homem na terra (Câmara Municipal do Porto, 2006, e Gibson, 2008). Com as tíbias cruzadas, que representam a força vital, forma um símbolo muito antigo de morte e de perigo (Gibson, 2008), mas também de “afastamento da natureza sob a influência do espírito” (Câmara Municipal do Porto, 2006).
- Tocha – Segundo Gibson (2008), simboliza a vida e o poder regenerador do fogo; a tocha pode por vezes aparecer invertida, simbolizando nesse caso a morte. No Cristianismo o fogo assume o significado de Cristo como a Luz do Mundo e torna-se um “símbolo de purificação através da revelação espiritual em Deus” (Gibson, 2008, p.141).

Depois de entrar, o percurso faz-se pela esquerda, encontrando logo aí os primeiros jazigos de interesse: o da diocese, e depois o do escultor Artur Prat. No da diocese estão sepultados entre outros, os bispos João Evangelista de Lima Vidal e Manuel de Almeida Trindade.

Em 1882 a diocese de Aveiro foi extinta por Bula Papal, para desagrado da população (Gaspar, 1997). D. João Evangelista de Lima Vidal, em conjunto com outras pessoas (uma das quais será mencionada mais à frente neste roteiro), teve um papel determinante para que a diocese fosse restaurada, tendo sido o primeiro Bispo de Aveiro depois de reconstituída a diocese, em 1938. Para além disso, durante a sua carreira apostólica criou várias instituições vocacionadas para o acolhimento e formação de crianças e adolescentes (Gaspar, 1997), entre elas a das Florinhas do Vouga, que fica mesmo por trás deste cemitério, sendo visível deste ponto.

D. Manuel de Almeida Trindade exerceu funções como Bispo de Aveiro entre 1962 e 1988 (Diocese de Aveiro, 2007). Foi um bispo com participação activa no II Concílio do Vaticano, que, segundo o Papa João Paulo II (2000), tinha como objectivo reformular a Igreja católica no sentido de a tornar mais actual. Por outro lado, D. Manuel Almeida Trindade destacou-se também pela sua participação numa manifestação dita apolítica a favor da salvaguarda dos direitos humanos e da liberdade, no Verão Quente de 1975 (Gaspar, 2008). Esta manifestação viria a dar origem a outras semelhantes noutras cidades do país, e fez com que se temesse que o Bispo D. Manuel fosse detido pela polícia, coisa que não chegou a acontecer (Gaspar, 2008). Não obstante, organizou-se uma defesa popular, que consistiu em “vários homens de Fermentelos [...] sentados em frente do paço episcopal, [...] preparados para o que desse e viesse” (Gaspar, 2008, p.6)

Artur Prat foi um pintor e escultor nascido no Brasil mas que “considerava Aveiro a sua terra natal” (Câmara Municipal de Aveiro, s.d.), tendo vindo para esta cidade com a família muito novo.

Foi ele quem fez a estátua que encima o jazigo da sua família e onde estão também os seus restos mortais. Esta estátua, chamada “O Último Alento” é datada de 1914 e

apresenta a Morte a tomar a fragilidade da Vida. Podemos ver que a Vida segura uma tocha invertida, e a Morte aponta para o infinito. Este gesto aponta a direcção a seguir, neste caso para a vida no além (Gibson, 2008).

Segue-se, depois, em direcção ao talhão n.º2. Sendo este talhão e os jazigos mais próximos especialmente ricos em símbolos, será nesta altura que se iniciará uma explicação sobre o significado dos símbolos visíveis nos túmulos em volta, e que continuará em todo o cemitério à medida que os símbolos forem sendo referenciados.

Salientamos aqui alguns dos símbolos presentes no cemitério e cujo significado nos foi possível encontrar:

- Acanto – este é um dos mais antigos motivos encontrados em cemitérios (Rochester's History, 1999-2003). Está associado com o jardim celeste, e tem raízes nos cemitérios da Grécia Antiga (Rochester's History, 1999-2003).
- Âncora – a âncora pode ser um símbolo cristão de esperança, já que era usada pelos primeiros cristãos como uma cruz disfarçada, sendo um dos atributos com que São Nicolau, padroeiro dos marinheiros, é representado (Rochester's History, 1999-2003). Sendo Aveiro uma cidade com fortes ligações ao mar, a âncora pode também estar ligada à profissão ou actividade do defunto. Pode ainda simbolizar a estabilidade, a salvação e a esperança (Câmara Municipal do Porto, 2006).
- Anjos – são os mensageiros de Deus, guardiões dos mortos (Rochester's History, 1999-2003). Um anjo que chora significa o luto e a mágoa, talvez por uma morte prematura (Rochester's History, 1999-2003).
- Coruja – o animal da noite, que representa a escuridão espiritual e o infortúnio e cujo grito alerta para a proximidade da morte (Gibson, 2008). Também pode significar o domínio das trevas pela reflexão (Câmara Municipal do Porto, 2006)
- Coluna truncada – as colunas, tal como as árvores, são o símbolo da vida e da ligação entre a terra e o céu (Gibson, 2008). Quando aparecem truncadas, simbolizam uma vida que foi quebrada (Câmara Municipal do Porto, 2006).
- Foice, gadanha ou segadeira – é o instrumento que a Morte, personificada no Ceifador, utiliza para colher as almas (Gibson, 2008). Segundo a mesma autora (2008), este instrumento também pode simbolizar a morte e o renascimento.
- Fogaréu – significado semelhante ao da tocha.
- Livro – pode significar fé, ou o Livro da Vida, mas também pode assinalar o túmulo de um professor, ao poder assumir o significado da aprendizagem de ler e escrever (Rochester's History, 1999-2003).
- Monte Gólgota – é o local onde Cristo foi crucificado, simbolizando por isso o martírio (Câmara Municipal do Porto, 2006).

- Palmas – são o símbolo da ressurreição de Cristo (Câmara Municipal do Porto, 2006), mas eram usadas nos primórdios do Cristianismo também como símbolo fúnebre e de martírio (Gibson, 2008)
- Rosas – Símbolo de beleza, vida, e renascimento, mas também de sangue, secretismo e morte (Rochester's History, 1999-2003, Gibson, 2008).
- Saudade – uma flor comum nos túmulos do Romantismo, aparece por vezes entrelaçada com uma outra flor, chamada perpétua (Queiroz, 2003) – nesse caso assume o significado de “saudade perpétua”.
- Urna – este é o símbolo grego do luto (Câmara Municipal do Porto, 2006).

Já no extremo exterior deste talhão, encontra-se um túmulo curioso, onde nada mais se lê do que “INFINITO AMOR!...”.

Segundo o que nos foi possível descobrir nos registos do Cemitério Central, este túmulo é um monumento ao amor paternal. Foi mandado erigir pelos pais de Maria da Ascensão Tavares Silva, que morreu em 29 de Março de 1926 com apenas 16 anos e é a única pessoa que lá está enterrada. É comum encontrar-se neste túmulo flores e velas, colocadas de um modo que não parece ser acidental, apesar de ser pouco provável que alguém que se recorde de Maria da Ascensão ainda sobreviva. Nenhum dos visitantes do cemitério, nem nenhum dos coveiros com que conversámos sabe quem é que coloca as velas e as flores neste túmulo. Podemos, no entanto, fazer várias conjecturas: talvez haja ainda alguém que tenha conhecido e amado Maria da Ascensão, talvez os pais da jovem tenham pedido à família para que não deixasse de visitar o seu túmulo, talvez alguém conheça a história desta jovem, talvez alguém deixe flores e velas neste túmulo para lembrar um amor que não morre.

Segue-se depois para o jazigo da família de José Estêvão, o qual se notabilizou principalmente como orador parlamentar do período do Romantismo (Gaspar, 1997). José Estêvão Coelho de Magalhães foi um grande defensor do Liberalismo, tanto nos seus discursos como enquanto soldado, sendo radical nas suas ideias revolucionárias, no entanto defendia o regime monárquico (Gaspar, 1997).

O terreno para construção deste jazigo foi cedido gratuitamente a José Estêvão pela Câmara Municipal de Aveiro, em “sinal de gratidão pelos serviços prestados” à cidade (Cristo e Gaspar, 2009). Já o pai de José Estêvão, Dr. Luiz Cipriano Coelho de Magalhães, tinha sido querido pela cidade, tendo ficado conhecido como o “médico dos pobres”, devido ao modo caridoso com que os tratava (Cristo e Gaspar, 2009).

É também neste mausoléu que estão sepultados os filhos de José Estêvão: Luiz Cipriano, Joana Inez (que morreu com poucos meses de vida), e José Estêvão, “que nasceu após a morte do pai” (Gaspar, 1997, p.214).

Luiz Cipriano, o primogénito, distinguiu-se pela sua actividade como escritor, fundador de revistas e tertúlias, e político (Portal da Cultura de Maia, 2007). Luiz de Magalhães, como ficou conhecido, contava entre os seus amigos nomes como Eça de Queiroz, Antero de Quental e Magalhães Lima (Portal da Cultura de Maia, 2007). É ainda de salientar o

soneto escrito por Luiz de Magalhães que está inscrito na sepultura do seu filho (também chamado José Estêvão), intitulado “Na morte do meu filho” e que aqui reproduzimos:

A tua morte, meu filho! Ainda assombrada,  
Minha alma a evoca, em sua desventura,  
E, sente-se entre a magua que a tortura,  
Pela sua grandeza deslumbrada!

E que, nessa hora, filho, iluminada,  
Angelica de fé e de candura,  
Abriu-se, toda em flôr, tua alma pura,  
Tua alma valorosa e resignada!

Ah! Sim, alma gentil de heroe e crente!  
Pois esse Espectro que o terror espalha,  
A sua fouce brandindo eternamente,

Encaraste-o sem medo e sem quebranto  
Como um bravo nos campos de batalha,  
No teu leito de morte como um Santo!

De seguida entra-se no talhão n.º1, e segue-se até à sepultura de Mário Sacramento, médico de profissão, mas que foi escritor, ensaísta, e um acérrimo opositor do Estado Novo (Gaspar, 1997, e Sacramento, 1992). Já desde muito novo que vinha fazendo palestras e participando no que as autoridades da época consideravam “actividades subversivas” (Sacramento, 1992). De facto, a perseguição política activa a Mário Sacramento começou quando ele tinha apenas 17 anos, altura em que “a PIDE invade-lhe a casa às cinco horas da madrugada”, segundo relata a sua irmã, Maria Ivone Sacramento. Para além da sua luta contra o regime e dos vários trabalhos literários que publicou, Mário Sacramento destacou-se também como médico. A irmã afirma que ele foi “o médico dos pobres, e, talvez, um dos raros médicos que, antes da formatura, tinha doentes à espera que completasse o curso” (Sacramento, 1992).

Avançando para o corredor lateral, está-se em boa posição para contemplar o jazigo da família Barbosa de Magalhães. Nesta família destacamos dois indivíduos notáveis, o Dr. José Maria Barbosa de Magalhães e o seu filho, o Dr. José Maria de Vilhena Barbosa de Magalhães. Ambos se notabilizaram na área do Direito e assumiram cargos importantes, quer no Governo como em outras instituições (Gaspar, 1997). O Dr. José Maria de Vilhena Barbosa de Magalhães foi ainda um acérrimo opositor ao Estado Novo, o que fez com que fosse afastado da função de professor (Gaspar, 1997).

O próximo ponto de paragem é o jazigo de um antigo Governador Civil de Aveiro, o Dr. Francisco Vale Guimarães. Vale Guimarães foi um Governador Civil do distrito de Aveiro durante o Estado Novo que se destacou pelo seu distanciamento em relação ao regime e pela sua formação liberal (Gaspar, 1997). Em pleno regime ditatorial, Vale Guimarães permitiu que se realizassem em Aveiro os congressos da Oposição Democrática (Gaspar, 1997)

Avançando mais um pouco pelo corredor lateral, encontramos na esquina um jazigo com uma inscrição curiosa: “Aqui jaz um velho infeliz”, e a indicação de que pertence à Santa Casa de Misericórdia, sem informação do nome do ocupante. Os registos do Cemitério dizem que aqui está sepultado Manuel José Barbosa, falecido em 1897, que não tendo herdeiros ou tendo-se desentendido com eles, deixou o que tinha à Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, com a condição de que esta cuidasse do seu jazigo.

Um pouco mais para direita deste jazigo, está o da família Oudinot. Este monumento funerário é onde está sepultado José Reinaldo Rangel de Quadros Oudinot. Rangel de Quadros foi professor de liceu, escritor, jornalista (Gaspar, 1997), e um aveirógrafo apaixonado pela sua cidade (Câmara Municipal de Aveiro, 2010). Foi no exercício desta última actividade que deixou escritos e compilados muitos artigos sobre Aveiro, onde, para além de divulgar a história da cidade, relatava acontecimentos e tradições, oferecendo um panorama da vida passada das instituições do concelho, das alterações na cidade e das individualidades que se iam destacando (Câmara Municipal de Aveiro, 2010).

De seguida entra-se no talhão n.º3. A primeira paragem é na sepultura de uma figura de relevo nacional: Mendes Leite. O Dr. Manuel José Mendes Leite destacou-se como deputado e legislador (Gaspar, 1997). Foi dele que partiu o aditamento ao Acto Adicional à Carta Constitucional, em 1852, que abolia a pena de morte para crimes políticos (Gaspar, 1997). Durante o período tumultuoso da Monarquia Constitucional, os Actos Adicionais foram publicados no sentido de alterar a Carta Constitucional de 1828, outorgada por D. Pedro IV.

Aqui também está a sepultura de João de Almeida. O General João de Almeida teve uma brilhante carreira ultramarina, mais especificamente em Angola (Gaspar, 1997). Era chamado o “Herói dos Dembos”, por ter comandado uma operação militar com sucesso nesse local. O General João de Almeida comandou também a expedição de “reconhecimento, ocupação e pacificação” (Gaspar, 1997, p. 267) ao sul de Angola, expedição esta que contribuiu para a delimitação da fronteira meridional do país (Gaspar, 1997).

A última paragem neste talhão é na campa de Manuel de Melo Alvim. Segundo nos contou o Monsenhor João Gaspar, este senhor fazia, entre outras coisas, locuções de rádio e apresentação de espectáculos, actividade que ditou a sua morte. Manuel de Melo Alvim caiu morto no palco do Teatro Aveirense, com a emoção de estar a apresentar um espectáculo de homenagem a uma figura da época (que não conseguimos apurar qual).

Seguidamente, avança-se até ao centro do Cemitério, onde se encontra o monumento aos Mártires da Liberdade. Este monumento foi erigido para homenagear os 6 aveirenses que foram executados por terem participado no movimento revolucionário contra o Absolutismo em Maio de 1828 (Gaspar, 1997). Nessa altura, Aveiro contava com um aguerrido partido liberal, cujos membros não viram com bons olhos a proclamação de D. Miguel como rei absoluto e decidiram revoltar-se (Gaspar, 1997). Embora inicialmente tenham tido algum sucesso, e tenham chegado juntar-se às tropas sublevadas na cidade do Porto, os revoltosos foram vencidos passados poucos meses, e os responsáveis mandados executar (Gaspar, 1997). Ainda na cidade do Porto, os aveirenses foram enforcados e



decapitados de seguida, para que as suas cabeças pudessem ser levadas e expostas em Aveiro e outras cidades próximas (Gaspar, 1997). Os corpos dos desde então chamados “Mártires da Liberdade” estão sepultados no cemitério do Prado do Repouso no Porto, mas, em 1866 a Câmara Municipal de Aveiro mandou transladar as cabeças para este monumento que entretanto construiu (Gaspar, 1997, e Cristo e Gaspar, 2009).

Do Monumento aos Mártires da Liberdade prossegue-se para o talhão n.º4. Mais ou menos no centro deste talhão estão os túmulos pertencentes às Irmãs Dominicanas e à Madre Maria Henriqueta dos Anjos, última monja do Mosteiro de Jesus. Usamos estes túmulos para falar da extinção das Ordens Religiosas em Portugal. Em Maio de 1834 foi decretada a extinção de todos os “conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer casas de religiosos de todas as Ordens Regulares” (Chronica Constitucional de Lisboa, 1834, citada em Gaspar, 1997, p.199). Nessa altura havia em Aveiro 6 conventos: 3 masculinos e 3 femininos (Gaspar, 1997). Segundo Gaspar (1997), os conventos masculinos foram simplesmente encerrados, os monges expulsos e os bens confiscados, no que Rangel de Quadros (s.d., citado por Gaspar, 1997, p.199) classificou como “uma perfeita ladroeira e uma indecente emboscada”. Os conventos femininos, no entanto, foram encerrando com a morte da última religiosa professa até à data de entrada em vigor desta lei (Gaspar, 1997). No caso do Mosteiro de Jesus em Aveiro isso aconteceu em 2 de Março de 1874, com a morte da Madre Maria Henriqueta dos Anjos, sendo depois o Mosteiro convertido em colégio e finalmente em Museu.

Pouco mais à frente encontramos a campa de Homem Christo e um sarcófago de granito sem qualquer inscrição.

O Dr. Francisco Manuel Homem Christo teve uma carreira variada: foi “oficial do Exército, professor universitário, deputado, político, escritor, jornalista” (Gaspar, 1997, p.257), sendo de destacar o trabalho de alfabetização que desenvolveu, principalmente enquanto oficial (Cerqueira, 1969, citado por Paiva, 1992). Homem Christo foi um homem polémico, que afirmava as suas opiniões sem medo das consequências (Cerqueira, 1969, citado por Paiva, 1992, e Gaspar, 1997) – característica que gerava conflitos. Um desses conflitos foi com Afonso Costa, que chegou a desafiá-lo para um duelo que o Dr. Homem Christo não aceitou, ficando o conflito pendente até que Homem Christo deixou o Exército (Cerqueira, 1969, citado por Paiva, 1992).

O sarcófago de granito está encostada à sebe do lado direito, e à primeira vista pode parecer um banco. No entanto, tem atrás o n.º 986, e esse é o único dado que sobre ela existe nos livros de registo do Cemitério. Há um completo mistério sobre quem a mandou construir e quem estará lá sepultado.

Segue-se mais um pouco até um túmulo com 3 crianças da mesma família, mortas em anos muito próximos. Este pequeno e simples túmulo serve de ponto de partida para uma breve explicação sobre o modo como as crianças eram encaradas no séc. XIX, particularmente no que diz respeito à sua morte. Segundo disse a historiadora Irene Vaquinhas numa entrevista recente (Alves, 2011), nesta época as crianças só eram valorizadas a partir dos 4 ou 5 anos, idade em que conseguiam começar a trabalhar - por exemplo a cuidar de irmãos mais novos. A mesma autora refere ainda que uma criança que morria era vista como “um anjinho que ia para o céu” (Vaquinhas, citada por Alves,

2011, p. 32), e que a morte das crianças era encarada com naturalidade e sem grandes dramas. Havia mesmo pessoas a rir e “quem fizesse renda” no velório (Vaquinhas, citada por Alves, 2011, p. 32).

A última paragem deste percurso é junto à sepultura de Maria João Xarrama Bergamo, que morreu de doença oncológica em 1985, antes de completar 12 anos de idade. Na campa desta menina está um excerto de uma carta que pediu que a deixassem escrever aos pais, e que convida à reflexão: “Força, crianças e adultos, que Deus é tão grande, que tapa o Universo, mas tão pequeno que cabe nos nossos corações.”

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar das diferentes perspectivas de abordagem a esta actividade, é consensual que o Turismo Negro se encontra em crescimento. Há ainda autores, como Stone (2009) que argumentam que o Turismo Negro assume um importante papel de intermediário entre o indivíduo e a morte numa sociedade com uma relação bipolar com a morte: ela é simultaneamente retirada da vivência quotidiana, e mostrada cruamente nos meios de comunicação.

O Turismo Cemiterial em particular pode trazer vantagens para as localidades e para os cemitérios em si, sem grande esforço das autoridades em criar outras infra-estruturas para além das existentes nos cemitérios. Os cemitérios Românticos portugueses são intrinsecamente repositórios de Arte e História, num espaço concentrado. A acção necessária é apenas a de assegurar o bom estado de conservação dos imóveis, e encontrar maneiras de organizar conteúdos e transformar em produtos o grande potencial turístico destes espaços.

O Cemitério de Aveiro é inegavelmente dotado de valor histórico e artístico, apesar de essa característica não ser, de todo, aproveitada. Pelo contrário, é lamentável o abandono a que são votados muitos dos monumentos funerários mais relevantes deste cemitério, apesar do seu regime de protecção actual, tanto pelas autoridades municipais como pelos proprietários.

Optámos por não focar este percurso na História de Arte, embora saibamos que haveria no Cemitério Central de Aveiro elementos que justifiquem esse enfoque. Esta escolha consciente tem como objectivo oferecer um produto acessível e atractivo para todos os visitantes, mesmo os que nunca pensaram em visitar um cemitério. Daí termos apostado em mostrar o Cemitério Central de Aveiro como documento histórico intrinsecamente ligado à memória da cidade.

No entanto esta escolha reflecte também uma das limitações da nossa investigação, que é a abordagem aqui não desenvolvida da História de Arte e Arte Tumular. Pretendemos então aprofundar a nossa investigação sobre a História e as histórias deste cemitério.

Procuraremos traduzir este estudo noutras sugestões de percursos de visita ao Cemitério Central de Aveiro, a serem apresentadas à Câmara Municipal de Aveiro<sup>4</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ariès, P. (1988) *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Lisboa : Teorema

A.S.C.E. – Association of Significant Cemeteries in Europe (2008a) *About the Association*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.significantcemeteries.org/en/about-the-association>

A.S.C.E. – Association of Significant Cemeteries in Europe (2008b) *Activities*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.significantcemeteries.org/en/all-activities>

A.S.C.E. – Association of Significant Cemeteries in Europe (2008c) *Interactive Map*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.significantcemeteries.org/en/interactive-map/asce/52/alpha>

Alves, P. (2011) “Entrevista: Irene Vaquinhas”. *Revista Sábado*, n.º351, pp.30-32

Assembleia da república (2008) *A monarquia constitucional*. Acedido em 30/01/2011 em <http://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/AMonarquiaConstitucional.aspx>

Câmara Municipal de Aveiro (s.d.) “Aveirenses Ilustres” Ciclo de conferências dedica-se a Artur Prat e Alberto Sousa. Acedido em 28/06/2011 em [http://www.cm-aveiro.pt/www/Templates/GenericDetails.aspx?id\\_object=32705](http://www.cm-aveiro.pt/www/Templates/GenericDetails.aspx?id_object=32705)

Câmara Municipal de Lisboa (s.d.) *Visitas guiadas*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=125>

Câmara Municipal do Porto (2006a) *Ciclo Cultural dos Cemitérios*. Acedido em 30/01/2011 em <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=cmp.stories/2375>

Câmara Municipal do Porto (2006b) *À descoberta dos Cemitérios*. Acedido em 30/01/2011 em <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=cmp.stories/6552>

Câmara Municipal do Porto (2006c) *Higiene Pública*. Acedido em 30/01/2011 em <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?sid=cmp.sections/471>

Cimetière du Père Lachaise (2003) *Visite Virtuelle*. Acedido em 29/01/2011 em <http://www.pere-lachaise.com/perelachaise.php?lang=>

---

<sup>4</sup> Notámos, na nossa entrevista com a Dra. Gabriela Marques, que esta entidade é sensível à evolução do mercado turístico e que tem noção do potencial em bruto do Cemitério Central, pelo que antevemos que produtos como este possam ser bem recebidos.

Cristo, A. e Gaspar, J. (2009) *Calendário Histórico de Aveiro* (versão electrónica). Acedido em 30/01/2011 em <http://www.prof2000.pt/users/avcultor/Calendaveiro/Cronologico/1830.htm>

Diocese de Aveiro (2007) *Bispos da Diocese*. Acedido em 30/01/2011 em <http://www.diocese-aveiro.pt/bispos.asp?pgid=3>

European Cemeteries Route (2010) *Description*. Acedido em 07/09/2011 em [http://www.cemeteriesroute.eu/en/?page\\_id=11](http://www.cemeteriesroute.eu/en/?page_id=11)

Figundio, A. (2011) *Turismo no Cemitério, um passeio diferente e cultural*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.travelavenue.com.br/informacoes/60039-turismo-no-cemiterio-um-passeio-diferente-e-cultural.html>

Gaspar, J. (1997) *Aveiro na História*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro

Gaspar, J. (2008) “Memórias com D. Manuel de Almeida Trindade” [versão electrónica] *Correio do Vouga n.3848*, pp. 6-7

Gibson, C. (2008) *Sinais e Símbolos : Origem, História e Significado*. China: ullmann

Libreria Editrice Vaticana (2000) *Discurso do Papa João Paulo II no encerramento do Congresso Internacional Sobre a Actuação dos Ensinamentos Conciliares*. Acedido em 30/01/2011 em [http://www.pcf.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000227\\_vatican-council-ii\\_po.html](http://www.pcf.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000227_vatican-council-ii_po.html)

Lisboa Verde (s.d. a) *Museu*. Acedido em 07/09/2011 em <http://lisboaverde.cm-lisboa.pt/index.php?id=3949>

Lisboa Verde (s.d. b) *Visitas*. Acedido em 07/09/2011 em <http://lisboaverde.cm-lisboa.pt/index.php?id=3948>

Lonely Planet – guides por voyagers (2011) *Paris – à ne pas manquer*. Acedido em 07/09/2011 em [http://www.lonelyplanet.fr/\\_htm/destinations/index.php?mode=notice&param1=paris&param2=nepasmanquer](http://www.lonelyplanet.fr/_htm/destinations/index.php?mode=notice&param1=paris&param2=nepasmanquer)

Meet me at Père Lachaise (2010a) *Tour Père Lachaise*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.perelachaiscemetery.com/>

Meet me at Père Lachaise (2010b) *Paris Père Lachaise iPhone App*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.perelachaiscemetery.com/pere-lachaise-app/>

Monumentale – museo a cielo aperto (s.d. a) *Perché Museo*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.monumentale.net/internatesto.aspx?codice=0000000004>

Monumentale – museo a cielo aperto (s.d. b) *Eventi e Iniziative*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.monumentale.net/internamenu.aspx?codice=0000001345&id=0000000007>

Monumentale – museo a cielo aperto (s.d. c) *Home page*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.monumentale.net/Home.aspx>

Oliveira, M. (2011) *Quando os turistas procuram a cultura da cidade morta*. Acedido em 07/09/2011 em [http://www.publico.pt/Sociedade/quando-os-turistas-procuram-a-cultura-da-cidade-morta\\_1494254?all=1](http://www.publico.pt/Sociedade/quando-os-turistas-procuram-a-cultura-da-cidade-morta_1494254?all=1)

Paiva, V. (1992), “Francisco Manuel Homem Cristo” in: *Aveirenses Ilustres. Retratos à minuta* [versão electrónica] Aveiro: Edição do X Encontro de Professores de História da Zona Centro

Paris Cemeteries (s.d.) *Cimetière du Père Lachaise*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.pariscemeteries.com/pages/perelachaise.html>

Portal da Cultura de Maia (2007) *Conselheiro Luiz de Magalhães*. Acedido em 02/08/2011 em <http://cultura.maiadigital.pt/estorias-e-memorias/ilustres-maiatos/conselheiro-luiz-de-magalhaes>

Queiroz, J. (2003) *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal: Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto

Queiroz, J. (2009) *Os Cemitérios Históricos e o seu Potencial Turístico em Portugal*. Acedido em 30/01/2011 em <http://21gramas.pt/Uploads/17480711200709.pdf>

Queiroz, J. (s.d.) *Cemeteries in Portugal (19th century) – An historical and artistic approach*. Acedido em 30/01/2011 em <http://www.queirozportela.com/cemetpo.htm>

Rochester’s History (1999-2003) *Glossary of Victorian Cemetery Symbolism*. Acedido em 28/06/2011 em [http://www.vintageviews.org/vv-tl/pages/Cem\\_Symbolism.htm](http://www.vintageviews.org/vv-tl/pages/Cem_Symbolism.htm)

Sacramento, M. (1992) “Mário Sacramento” in: *Aveirenses Ilustres. Retratos à minuta* [versão electrónica] Aveiro: Edição do X Encontro de Professores de História da Zona Centro

Sacred Destinations (2010) *Père-Lachaise Cemetery, Paris*. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.sacred-destinations.com/france/paris-pere-lachaise>

Scott, R. (2010) *Cemetery Tourism – Introducing Cemetery Tourism*. Acedido em 30/01/2011 em <http://www.dark-tourism.org.uk/>

Secretaria da Comunicação – Prefeitura de Votuporanga (2006) *Museu realiza estudo sobre cemitérios históricos*. Região Noroeste. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.regiaonoroeste.com/portal/materias.php?id=3484&busca=Votuporanga%20cemit%E9rios%20hist%F3ricos&pagina=1&oquelista=>

Sharpley, R. (2009): “Shedding Light on Dark Tourism: An Introduction”: in Sharpley, R. e Stone, P. (ed.) *The Darker Side of Travel – The Theory and Practice of Dark Tourism*. Great Britain: Channel View Publications. pp.3 – 22

Stone, P. (2009): “Making Absent Death Present: Consuming Dark Tourism in Contemporary Society”: in Sharpley, R. e Stone, P. (ed.) *The Darker Side of Travel – The Theory and Practice of Dark Tourism*. Great Britain: Channel View Publications. pp.23 – 38

Walker, T. (2009): “Dark Tourism: Mediating Between the Dead and the Living”: in Sharpley, R. e Stone, P. (ed.) *The Darker Side of Travel – The Theory and Practice of Dark Tourism*. Great Britain: Channel View Publications. pp.39 –55

Weiss, C. (2011) Grupo faz inventário de cemitérios da Vila Itoupava em Blumenau. Diário Catarinense. Acedido em 07/09/2011 em <http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2%C2%A7ion=Geral&newsID=a3306182.htm>